

21 de Janeiro

□ Manhã: mesa coordenada por Jennifer Cox e Damien Hazard

1) Debate sobre comunicação

Debatida proposta de processo para construir estratégia de comunicação no FSM, contida em Documento de Referência (http://www.ciranda.net/IMG/pdf/referenciascomunicacaofsm_pt-2.pdf) apresentado para aprovação.

Rita Freire: O documento traz propostas e recomendações de etapas e é fruto de tarefas que foram colocadas para a comissão de comunicação (formada na última reunião do CI, em Montreal) e para a secretaria executiva. Foi proposta a possibilidade de que o FMML contribuísse na comunicação do CI e do FSM. O grupo de mobilização do FMML acompanha com muita atenção os debates do Fórum sobre seus rumos, pois seu interesse é aproximar o movimento de comunicação da comunicação dos movimentos e interagir conforme a relevância do processo para os movimentos sociais.

Há problema com a perspectiva da comunicação quando é vista como serviço que atue dentro das regras existentes. Fazer comunicação vinculada com as lutas sociais significa enfrentar cercas colocadas às lutas para que elas possam interagir com a sociedade e com o cenário midiático. Há uma disputa ideológica que travamos contra o ódio, o egoísmo e o medo que nos cercam.

É importante resgatar o esforço que foi feito até agora, com ou sem êxito, no âmbito da comunicação do Fórum. O conceito construído foi o do compartilhamento das ações midiáticas e dos conteúdos, embora tenhamos ficado cada vez mais desprovidos de ferramentas para isso. Há várias iniciativas, chegamos a ter um projeto integrado do CI em 2007, feito para um dia de ação e mobilização global em janeiro 2008. O Fórum não teria naquele ano um ambiente territorial, e foi criada a estratégia de espaço virtual em rede, com uma rede social de muita aceitação (ainda não existia o Facebook). O projeto foi desmontado, não pela avaliação do seu alcance, mas pelas dinâmicas e relações internas ao CI. Discutia-se se a comissão deveria ter autonomia para realizar ações, e também vieram dificuldades de financiamento. Percebeu-se que uma ação integrada e compartilhada (várias ações em várias frentes que se integraram) nos trouxe uma caracterização do FSM como um sistema comunicativo entre lutas sociais. Deixamos essa experiência, e algumas iniciativas que a construíram mas que só sobreviveram de forma independente. Tivemos então o nascimento do processo do FMML também em 2009, em Belém, propondo a abordagem política da comunicação.

Já foram realizadas 5 edições do FMML, com discussões profundas envolvendo atores ligados aos temas da comunicação: o discurso único que o Fórum nasce para enfrentar, como este discurso “cerca” as vozes da luta e como enfrentar tudo isso. Como enfrentar as corporações, luta histórica que depende de trabalhar em conjunto com todas as lutas que precisam romper esse cerco. Estamos todos “juntos” nessa história.

O documento aborda também a comunicação no mundo. Essa cena é organizada em consonância com o projeto neoliberal. A transnacionalização e a concentração dos meios, quando o Fórum surge, foi de 50 conglomerados de telecomunicação para 6 no mundo, depois 5, e conglomerados regionais. No Brasil, o maior grupo de mídia não mostra o que está acontecendo, a militarização em curso do país. O documento aborda também o fenômeno da internet, e da cultura digital, que afeta as lutas sociais. Temos que olhar a banda larga. Onde não há, faltam oportunidades.

O documento elenca recomendações que podem constituir um Termo de Referência, que

podem ser emendadas em outros momentos, sobre o que se pode fazer. E também quatro propostas de etapas.

A comunicação do CI serve ao processo do FSM e às lutas sociais. As recomendações abrangem preocupações quanto ao uso da internet, quanto ao modo de construir uma plataforma do Fórum, sobre a interação entre as diferentes plataformas do FSM, entre outras. São diretrizes que dependem de esforços ativistas, de articulação entre movimentos, de atividades técnicas/tecnológicas na medida dos recursos possíveis, em sintonia com essa agenda de enfrentamento dos cercos da comunicação. Um projeto de comunicação que precisa ser apropriado e legitimado por quem está no processo.

As quatro propostas de etapas são: 1) ter esse termo de referência, para facilitar a conversa com processos do Fórum e da comunicação, lutas regionais, locais, mundiais; 2) não deixar a secretaria esperando, é preciso uma comissão provisória para definir com a secretaria o que não dá pra ficar sem, definir o custo e onde pode se buscar os recursos; 3) para legitimar as diretrizes entre as organizações interessadas, a etapa é fazer um seminário voltado para a comunicação, convocado pelo CI para legitimar o processo, com organização conjunta do CI e do FMML 4) por meio de uma oficina, construir projeto técnico financeiro, que defina as etapas de execução e envolva agências financiadoras interessadas.

Damien Hazard: Essa provocação ao CI e convite ao FMML foi decisão tomada pelo CI Montreal. O texto apresentado é denso, histórico e propositivo. E há quatro pontos (etapas) que pedem decisões.

Leonardo Vieira: A dominação e manipulação das mídias é motivo para luta. Tema central nas nossas lutas.

Christofer: Texto importante, dois níveis, evolução da mídia e o que temos que fazer. Quando se olha a evolução da mídia, tinha até agora grande concentração, linha política de direita, grande concentração, essa batalha ideológica. A evolução via mudar o jogo do sistema, luta de convergência entre internet, telecomunicação e mídia crescendo rapidamente, duas grande empresas de telecomunicações se juntando, modelo de internet, acesso a internet, séries, netflix, mídia, o que querem é vender o máximo de pacotes, alguns da direita outros da esquerda, não importa, o que eles querem é vender pacotes de mídia para cobrir todo espectro, aumentar seu negócio. Isso pode mudar rapidamente de acordo como a mídia trabalha. Vivemos um momento de mudança atualmente. Precisamos trabalhar com a internet que está no nosso nível, concordo com a proposta totalmente.

Gustave Massah: Com relação à evolução das mídias dominantes e das aberturas sobre a internet, as duas tendências, precisamos voltar para a história antes do FSM. Houve um movimento de reflexão sobre as mídias, eficaz. Movimento nos EUA contra a guerra do Vietnã. É necessário ter formação dos nossos militantes, para ler e decifrar as mídias. Essa proposição é muito interessante. E foi o que fez o FSM, quando fez a grande manifestação contra a invasão do Iraque, as mídias tiveram que falar, não puderam calar. Isso aconteceu antes da captura das mídias pelo capital financeiro e pelo capital transnacional. Agora é mais difícil. Por outro lado as mídias se tornaram mais importantes para o capital internacional. A proposta que fazemos:

É necessário continuar a obrigar as mídias a falar das mobilizações, mesmo se falarem mal, precisamos nos apoiar sobre jornalistas no interior das mídias, que tenham condições de passar adiante algumas informações. O FMML pode fazer isso, podemos construir uma rede de

jornalistas, de posição aberta e moral em relação à sua profissão para que as ideias que queremos exprimir contem com seu trabalho. Apoiar os jornalistas quando são atacados por meio de uma atividade do tipo agência de imprensa. Fazer referência às articulações feitas pelos movimentos para afazer conhecer melhor o que acontece.

Nesse sentido temos duas propostas: 1) necessário lutar pela liberdade da internet, fazer alianças com o conjunto dos movimentos que lutam dentro da internet, questão dos coletivos de software livre, pela liberdade da internet, a quadratura da net na França, varias formas de mobilização próprias, fazer aliança com eles, ter mais locais para o fórum, um movimento para divulgar o Fórum; 2) podemos construir uma rede de mídias livres na perspectiva dos conteúdos. Existem mídias livres em todos os lugares do mundo. A batalha política acontece dentro da internet, vemos as mídias de direita ocupando espaço. Temos que sustentar as mídias que brigam na internet por emancipação, contra posições xenófobas de extrema direita, pelo reconhecimento dessas mídias livres para que façam parte do processo do FSM. Tarefa esta que pode ser feita pelo FMML.

Maher: Comprometo-me a fazer a tradução para o árabe do francês. Uma batalha que perdemos foi a da comunicação, é preciso sinceridade. Saímos das zonas de interesse da mídia internacional. Em relação aos ataques terroristas, o medo, a angústia dos jovens, sentimento de vingança, sentimento de ser desprezado, desconhecido, negação da diversidade, negligenciando a nossa juventude que está no combate na luta social. O comportamento das mídias dominantes é terrível, o que podemos fazer? As mídias de esquerda estão tão pressionadas e perseguidas que não podem construir discurso diferente do dominante. O que podemos fazer agora, estrategicamente, concordando com o que diz Gus: uma página de facebook ativa, em três idiomas, com vídeos e fotos mostrando convergências de movimentos de luta de todo mundo é muito interessante. A juventude do magreb é muito engajada no facebook, quer fazer combate internacional. Precisam de elementos de propaganda, não tem fotos, informação, não são reconhecidas, precisam disso para que seu combate humanista, democrático, contra o estado islâmico, seja reconhecido.

No meu país está sendo feito um trabalho entre as mídias, temos canais, mas não há diversidade de opiniões, de linhas editoriais. No Marrocos e na Tunísia, talvez no Egito, temos experiências de rádios associativas dos jovens. Podemos conectar essas vozes que falam a respeito dessas juventudes que ainda não caíram no obscurantismo, mas precisam de reconhecimento do movimento altermundialista internacional.

Oded Grajev: Parabéns pelo documento. O grande problema que temos são os recursos. Interessante o encontro com agências financiadoras mas temos que usar criatividade para minimizar a necessidade de recursos. Varias organizações membro do CI tem áreas de comunicação, profissionais contratados. Uma importante tarefa seria interligar essas áreas de comunicação, nos vários continentes, para fazer ações conjuntas visando o processo do FSM. Investimento em articulação, mapeamento, mas com o uso de estruturas que já existem nas organizações buscando enfrentar a falta de recursos. Comprometer as áreas de comunicação a serviço do Fórum. A convocação desse seminário, para que tenha máxima densidade, pode ser a primeira ação conjunta.

Pierre George: Ao invés de comissão operativa, proponho criar GTs entre organizações que tem estrutura de trabalho. Está se preparando o Fórum Social Temático de Internet, em outubro, em Hydrabad, na Índia.

Raphael: É fundamental pensar estratégias para as mídias alternativas. Como comunicar para ir ao encontro dos jovens. Usar Facebook para transmitir nossa mensagem, vídeos de 30 segundos.

Gostamos de escrever livros, artigos, revistas, mas os jovens não são interpelados por isso, não usam nem email, usam redes sociais. Para atingi-los nessa transmissão de mensagens precisa haver esforço não só de divulgação mas de mudança do “canal” de comunicação.

Jennifer Cox: Voltando às situações atuais, a mídia teve papel fundamental nas eleições dos EUA, na criminalização dos negros, dos migrantes e não brancos. Os únicos terroristas são os muçulmanos, não os brancos que matam pessoas. Total invisibilidade das lutas. Por 4 meses não houve nenhuma divulgação de StandRock. No Brasil procurei notícias da morte do ministro da suprema corte brasileira. Só estavam falando a posse do Trump. Situação que todos conhecemos. Gosto da sugestão do Maher e Raphael de como usar um Fórum no Facebook, para poder compartilhar as lutas em diversas partes do mundo.

Leo Gabriel: Vejo grande valor estratégico. Erramos ao não nos dirigirmos ao mundo exterior. Pela nossa presença em si podemos evocar a reação das mídias de massa, não somente de mídia alternativa. Isso ao nos colocarmos em diálogo com “o adversário”. Hoje dois representantes ligados ao FSM estiveram em Davos e fizeram colocações que chamaram atenção da mídia. Eles só cobrem algo quando tem contradição.

Verônica: O documento é consistente, abrangente, traz elementos importantes para pensar a estratégia política contra hegemônica do FSM. Enfrentar o pessimismo e as divisões colocadas nos movimentos. Enfatizo o ponto 4, de dar voz as resistências, que muitos falaram aqui. Fazer com que nossos canais de comunicação sejam canais que amplifiquem as vozes da resistência de modo permanente, além dos eventos. Esse o coração da estratégia de comunicação nesse momento. Enfatizar a construção desse grupo colaborativo permanente para sustentar essa estratégia de comunicação, prioridade absoluta nesse momento.

Liége Rocha: Todas as nossas organizações no CI tem facebook, site e whatsapp, contato com jornais locais etc. Se a cada evento do FSM tivéssemos um release, isso ampliaria o potencial multiplicador, estaríamos usando nossos próprios instrumentos. Por exemplo, se divulgamos uma nota com resumo dessa reunião, que inclusive teve a síntese do Fórum das Resistências, e todos repassarem, poderíamos multiplicar para todo o mundo.

Pierre George: Vejo que existem quatro tipos de conteúdo. O produzido pelos participantes, sobre as iniciativas que realizam no FSM; conteúdo produzido pelas mídias que se consideram participantes do processo, com e sobre os outros; comunicação feita pelos facilitadores que reúnem o conteúdo de primeira mão, sem editorializar, fazer discurso, mas que colocam o conjunto das coisas, produto que pode ser documentado. Devemos produzir canais que levem notícias, não editorializadas, coloquem conteúdos e divulguem como participar do Fórum.

Elisabeth (AIH): É importante usar os instrumentos das organizações. A AIH coloca à disposição sua estrutura de mailing e equipe de tradutores voluntários em 5 idiomas.

Rita Freire: Estou muito contente com respostas. Contribuir a partir de uma rede de enfrentamentos. Ideia de organizações se colocarem como partícipes de ações comuns, disponibilizando sua estrutura a serviço do objetivo do projeto. Mas isso não acontece automaticamente, essas organizações terão que ser chamadas para fazer o diagnóstico junto, assumir o compromisso, pensar estratégias para funcionar. Estas propostas encontram eco no que está proposto no documento. Outras devem sair do seminário proposto.

Concorda com as ideias, mas devem ser legitimadas pelo seminário: que tipo de agências ou plataforma interessam, por exemplo, são decisões que devem ser construídas a muitas mãos, pelas lutas.

Quanto ao uso do Facebook , questão tratada aqui. Precisa ser usado de forma crítica. Pode servir aos movimentos que o utilizam, mas serve também às grandes corporações. Precisa haver um uso crítico, para que não se trate de servir à rede, mas pensar como ela pode nos servir. Precisa haver orientação, trabalhar de forma inteligente. Concordo em atuar pelo jornalismo crítico. É um exercício feito junto com novas mídias e movimentos que estão desenvolvendo estratégias de atuação para problematizar e atuar de forma crítica.

Precisamos pensar prazo e local onde pode ser realizado o seminário, num prazo de dois meses. Sobre a comissão, é uma discussão ainda a se fazer, conforme os debates do CI e as propostas do seminário. Sobre as comissões e seu funcionamento, é preciso esperar as discussões sobre o funcionamento do CI e as diretrizes do Seminário. Que as comissões não sejam comissões contratadas do CI, gerando um segmento profissionalizado do CI e outro não, mas que elas tenham autonomia para dizer como querem se organizar, a partir das diretrizes aprovadas. Que o documento possa, a cada reunião, passar por emendas. Que sejam construídas referências para podermos trabalhar, sejam apontados caminhos.

Damien Hazard: Esperamos o próximo ponto de pauta para criar esta comissão. Esse documento fica como documento de referência, com a síntese do que foi aqui discutido.

O Documento de Referência foi aprovado por aclamação; A síntese das propostas será agregada como anexo.